



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA- EaD**

Glaysianne da Silva Carvalho

**Abordagens das lutas feministas na educação: análise nos livros  
didáticos de História do Ensino Fundamental Anos Iniciais**

Belém

Junho/2022

Glaysianne da Silva Carvalho

**Abordagens das lutas feministas na educação: análise nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental Anos Iniciais**

Monografia apresentada ao Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos como requisito parcial para obtenção do grau pedagogo

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elizabeth Serra Oliveira

Belém  
Junho/2022

Glaysianne da Silva Carvalho

**Abordagens das lutas feministas na educação: análise nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental Anos Iniciais**

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador – Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elizabeth Serra Oliveira

---

Avaliador – Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Maria Inês Castro Azevedo

---

Avaliador - Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Marisa da Costa Gomes

Belém, 2022

C331a Carvalho, Glaysianne da Silva.  
Abordagens das lutas feministas na educação :  
análise nos livros didáticos de História do Ensino  
Fundamental Anos Iniciais / Glaysianne da Silva  
Carvalho. — 2022.  
23f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Elizabeth Serra Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia)—Instituto Nacional de Educação de  
Surdos, Rio de Janeiro, 2022.

1. Feminismo. 2. Livros didáticos. 3. História –

## AGRADECIMENTOS

Aos que me guiam e as forças que protegem meus passos e me dão sabedoria “eu tenho Jesus, Maria e José e todos os pajés em minha companhia”.

À minha mãe Maria por todo o carinho incondicional e por ser meu exemplo de que eu enquanto mulher não devo aceitar ser submetida a relacionamentos e atitudes de pessoas que me diminuem.

Minhas irmãs Deise e Mirla e sobrinha Beatriz que sempre me estimularam a entender que o convívio coletivo entre mulheres nos fortalece, e faz com que enxergamos que a luta é contínua.

À presença grandiosa da Patrícia na minha vida, apoiando meus sonhos e dividindo momentos de conquistas e outros momentos de ressignificação.

À minha querida amiga Sulamita, pelas palavras de incentivo, pelas trocas poéticas e boas lembranças.

À minha orientadora Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Serra Oliveira pelas trocas e diálogos no decorrer da pesquisa, pelo estímulo de me levar compreender e refletir a importância do pensamento feminista brasileiro.

Agradeço também as trocas de ideias levantadas pela Arcasi, por acreditar junto comigo que a mudança envolve a ação coletiva, que precisamos direcionar nosso olhar e pensar na educação que podemos oportunizar às crianças, uma educação que tenha um olhar mais humano.

Mulheres, tudo que nós temos é nós. Fé!

## **RESUMO**

Situado no contexto educacional brasileiro o presente trabalho monográfico pretende destacar em especial a partir da década de 1970 a importância do pensamento feminista brasileiro e suas lutas na formação escolar dos sujeitos do ensino fundamental anos iniciais. O objetivo principal foi destacar como historicamente as teorias feministas no Brasil vão se consolidando como protagonistas legítimas de produção de conhecimentos. Destaca-se também a invisibilidade de suas lutas e conquistas políticas nos livros didáticos de história da educação escolar, bem como sobre os estudos sobre gênero no Brasil. A pluralidade dos feminismos pouco se destacam na formação escolar do ensino fundamental. Optou-se por uma abordagem metodológica de pesquisa bibliográfica qualitativa analisar livros didáticos do ensino de história do ensino fundamental anos iniciais. Conclui-se que o percurso histórico de resistências das lutas feministas no Brasil contribuiu para emergir e consolidar a necessidade desta temática nos livros didáticos em especial na desconstrução de um modelo único de família brasileira.

**Palavras-chave:** Educação escolar- Feminismos- Lutas feministas

## **ABSTRACT**

Situated in the Brazilian educational context, the present monographic work intends to highlight, especially from the 1970s onwards, the importance of Brazilian feminist thought and its struggles in the school education of subjects from elementary school to early years. The main objective was to highlight how historically feminist theories in Brazil are consolidating themselves as legitimate protagonists of knowledge production. Also noteworthy is the invisibility of their struggles and political achievements in textbooks on the history of school education, as well as on gender studies in Brazil. The plurality of feminisms does not stand out in elementary school education. We opted for a methodological approach of qualitative bibliographic research to analyze textbooks for the teaching of history in the early years of elementary school. It is concluded that the historical course of resistance of feminist struggles in Brazil contributes to the emergence and consolidation of the need for this theme in textbooks, especially in the deconstruction of a unique model of the Brazilian family.

**Keywords:** School education- Feminisms- Feminist struggles

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1. Lutas feministas no Brasil: do final da década de 1970 ao ano de 1980.....	10
2. Os condicionantes econômicos e culturais produzidos pela desigualdade de gênero no Brasil contemporâneo.....	12
3. As abordagens das lutas feministas nos livros didáticos de História.....	14
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## INTRODUÇÃO

Embora exista uma invisibilidade do pensamento feminista brasileiro na formação educacional, no Brasil a partir dos anos 1970, as teorias feministas, e as questões relacionadas às lutas feministas são cada vez mais abordadas. No contexto escolar essas questões suscitam várias discussões e reflexões como a tomada de consciência dos direitos das mulheres, direitos sociais e políticos, e a equiparação de oportunidades são algumas das pautas suscitadas nas lutas feministas. Nesse sentido, os feminismos não tem por objetivo desorganizar estruturas como muitos pensam, mas sim inserir mulheres e a sua participação nas esferas sociais, dessa forma, a busca é pela representatividade e igualdade de direitos.

Nesta pesquisa não compreendemos o feminismo a partir de um único viés. Entendemos que os movimentos feministas são plurais e abrangem pautas variadas, a saber: o racismo, a opressão de gênero, sexismo, orientação sexual, religião, idade, etnocentrismo, religião, idade, androcentrismo dentre outros, de acordo com os interesses, identidades e experiências das mulheres. Essas pautas questionam a ideia de um feminismo único e hegemônico, tendo em vista que a diversidade das mulheres envolvidas aponta para a multiplicidade dos feminismos.

É necessário pensar nos feminismos dentro do contexto escolar e nas suas contribuições na formação das crianças e adolescentes, porque, não podemos esquecer que foi a partir das lutas dos feminismos no Brasil, mais efetivamente no final da década de 1970 que se deu início a reivindicação por criação de creches. Os feminismos trouxeram à luz o questionamento do papel tradicional da mulher na família, e salientou a responsabilidade de toda a sociedade em relação à educação das novas gerações (Fino; Gobbi e Faria, 2015). Para que houvesse a participação das mulheres nas esferas sociais e para que pautas como a educação das crianças passassem a ser responsabilidade de toda a sociedade, foi necessária a luta e resistência iniciada por mulheres.

Nesta perspectiva, esta pesquisa tem como objeto as pautas de luta dos movimentos feministas a partir da análise em livros didáticos de História do Ensino Fundamental Anos Iniciais. De modo geral, buscamos analisar se os livros didáticos de História do 1º ano Ensino Fundamental Anos Iniciais, “Ligamundo - editora Saraiva” e “Ápis - editora Ática” abordam as pautas de luta dos movimentos feministas. Propomo-nos contribuir para que as pautas das lutas feministas seja difundidas no contexto educacional escolar, sistematizar a formação e o contexto das lutas feministas no Brasil no período final da década de 1970 aos anos de 1980, como também analisar os condicionantes econômicos e culturais produzidos pela desigualdade de gênero no Brasil contemporâneo.

Ao discorrer os aspectos que propomos, usamos para fundamentar esta pesquisa os estudos das

autoras: Angela Davis (1944), Bell Hooks (1952), Hollanda (2019), Duarte (2019) e Bento (2017).

Trabalhamos com a problemática de que a temática das pautas de luta dos movimentos feministas precisam ser refletidas no contexto educacional escolar, como também apresentar os estudos de gênero e a partir deles maneiras de abordar as desigualdades de gêneros ainda existentes. Assim, a temática oportuniza debates acerca da formação do pedagogo, pois ao visibilizar tal temática no espaço escolar estaremos estimulando a construção de uma sociedade mais igualitária.

## **1. Lutas feministas no Brasil: do final da década de 1970 ao ano de 1980.**

De modo geral ao se referir sobre o movimento feminista a principal ideia levantada é de um movimento articulado por mulheres em torno de determinadas bandeiras (DUARTE, 2019). A história do feminismo é pouco contada, com isso pouco conhecida, dessa forma, pontua Duarte, "a bibliografia referente ao tema é, além de limitada, fragmentada [...] e tudo o mais fica relegado a notas de rodapé" (p.26).

A autora Bell Hooks em 1952 destacou que para atingir a compreensão do que é feminismo é necessário compreender o que é o sexismo, pois o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo. Afirma a autora "todos os pensamentos e todas ações sexistas são problemas, independentemente de quem os perpetua ser mulher ou homem, criança ou adulto" (p.17), ao entender esse sentido primário do movimento podemos compreender os momentos principais dessa luta.

Temos quatro momentos que marcaram a história do movimento feminista brasileiro, os quais significam as movimentações que foram percorridas até a concretização das bandeiras levantadas pelo movimento. Assim, a autora Duarte (2019) discorre sobre esses momentos.

tais momentos conservam uma movimentação natural em seu interior, de fluxo e refluxo, e costumam, por isso, ser comparados a ondas, que começam difusas e imperceptíveis, e aos poucos (ou de repente), se avolumam em direção ao clímax - o instante de maior envergadura - para então refluir numa fase de aparente calma, e novamente recomeçar" (p. 26).

No primeiro momento mulheres brasileiras erguem a bandeira ao direito básico de ler e escrever que era concedido apenas ao sexo masculino. As mulheres estavam restritas aos afazeres domésticos e à preparação para o casamento, em 1827 a primeira legislação brasileira a qual autoriza a abertura de escolas públicas femininas. Segundo momento, em 1870, vamos ter o início da luta pelo direito ao voto feminino que se estende até o século XX já marcando o terceiro momento, como destaca a autora.

O século XX já inicia com uma movimentação inédita de mulheres mais ou menos organizadas, que aclamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias. (DUARTE, 2019, p.36)

O quarto momento é considerado o mais transbordante dentro da história do movimento feminista brasileiro, os costumes são alterados bruscalmente, as reivindicações por direitos já conquistados entram em pauta. Nesse contexto, é nos anos de 1970 que temos reivindicações por mais visibilidade, conscientização política e melhorias nas condições de trabalho. Em 1975, no dia 8 de março, é declarado Dia Internacional da Mulher, as mulheres americanas passam a integrar a comemoração das suas lutas, enquanto no Brasil mulheres se posicionam contra a ditadura militar e censura.

enquanto em outros países as mulheres estavam unidas com a discriminação sexual e pela igualdade de direitos, no Brasil, o movimento feminista teve marcas distintas, pois a conjuntura histórica impôs que as mulheres se posicionassem também contra a ditadura militar e a censura, pela redemocratização do país, pela anistia e por melhores condições de vida. Contudo, ainda assim, ao lado de tão diferentes solicitações, debateu-se muito a sexualidade, o direito ao prazer e ao aborto [...] o planejamento familiar e o controle da natalidade passam a ser pensados como integrantes das políticas públicas. (DUARTE, 2019, p.42)

Diante desse cenário, manifesta-se no Brasil uma imprensa dirigida por mulheres. Essa direção feminina dentro da imprensa foi fundamental para se compreender as bandeiras de lutas levantadas por mulheres brasileiras naquele contexto histórico, como também, atingir predominância nos meios universitários que ocorre com a criação do Mulherio já em 1981, o qual passa publicar denúncias de violência, discriminação contra a mulher negra, abordam a periferia das grandes cidades e a luta das operárias, como Duarte (2019) coloca:

Em 1975, foi fundado o jornal Brasil Mulher, porta-voz do recém-criado Movimento Feminino pela Anistia; e, em 1976 surgiu o periódico Nós Mulheres, que logo se assumiu feminista e circulou por quase três anos. Os dois jornais enfrentaram as questões polêmicas daqueles tempos atribulados com a anistia, o aborto, a mortalidade materna, as mulheres na política, o trabalho feminino, a dupla jornada e a prostituição, trazendo ainda muitas matérias sobre o preconceito racial, a mulher na literatura, no teatro e no cinema. (p.42)

Deste modo, outro marco que temos em 1975 é a fundação do Centro da Mulher Brasileira criado por Rose Marie Muraro, o Centro fortalece pesquisas sobre a sexualidade da mulher brasileira,

as pesquisas de Muraro se abrem para debates acadêmicos e orientações para outras pesquisas. O ápice das pesquisas desenvolvidas por Muraro se fundamentam não apenas nas diversidade das regiões do país, mas nas experiências diferenciadas das camadas sociais a respeito do corpo e do prazer (DUARTE, 2019, p. 43). A criação do Centro marca o nascimento do movimento de emancipação político e intelectual do movimento feminista no Brasil do século XX. Em 2005 Rose Marie Muraro foi reconhecida como Patrona do Feminismo Nacional pelo Congresso Nacional e pelo governo brasileiro, para ONU Mulheres Brasil Muraro foi fundamental para o movimento feminista no Brasil.

uma mulher fundamental para o movimento feminista no Brasil e no mundo, permitiu-se viver com os propósitos feministas, assumindo as rédeas da própria vida e enfrentando o patriarcado em todas as suas formas: na vida pessoal, na política com novas propostas de relações sociais e na intelectualidade, desenvolvendo e expandindo o pensamento livre.

Ao longo dos anos de 1980 o Brasil passa apresentar um movimento feminista bem mais estruturado com a institucionalização dos estudos sobre a mulher, a partir da articulação entre professoras e alunas universitárias feministas. Com isso, a legitimação dos saberes acadêmicos foram difundidos, e organizações de eventos acadêmicos e a criação de núcleos de estudos passaram a ser mais articulados. Toda essa movimentação é primordial para compreensão do movimento feminista brasileiro, no entanto, essa movimentação gera desconfianças e resistências, pois a promoção e o desenvolvimento de pesquisas lideradas por mulheres geram desconforto no sistema patriarcal.

## **2. Os condicionantes econômicos e culturais produzidos pela desigualdade de gênero no Brasil contemporâneo.**

O ingresso das mulheres nas escolas, seja para dar continuidade a seus estudos ou para se tornarem profissionais da educação historicamente é algo recente. Foi só a partir do final do século passado que surgiu as primeiras escolas com classes onde mulheres e homens passaram a compartilhar o mesmo espaço, marcando assim o surgimento dos feminismos para a vida pública, e também o início de uma trajetória de lutas e conquistas de gênero, possibilitando alterações no destino de “mulheres-esposas” e mudando a configuração de uma profissão, até então exclusivamente masculina na sociedade brasileira, a docência.

Inicialmente os salários das mulheres que lecionavam eram inferiores aos dos homens, no entanto, a partir de 1866 elas passaram a receber igual aos demais professores com a promulgação da Lei nº 693. Porém segundo o texto da lei, os professores de geometria e cálculo eram

exclusivamente homens e continuavam a receber mais do que as mulheres.

Deste modo os anos 50, o fato das professoras receberem menos que os professores já era algo naturalizado, e perpetuou-se a ideia de que a remuneração das professoras era diferente dos professores, porque para as mulheres a remuneração se configurava apenas como um complemento de renda familiar. Defendendo-se a ideia de que o salário dos homens era maior, pois eram os chefes da família. A diferença salarial ainda existente entre homens e mulheres é uma das heranças do sistema patriarcal enraizado na sociedade. Assim, em meio a estes cenários que o descontentamento das mulheres com relação a seus vencimentos se iniciou, bem como, processos de reivindicações ligados ao rebaixamento salarial.

Além da discussão da diferença salarial existente entre docentes mulher e homens, havia a diferença do currículo entre os alunos. Em 1827 foi sancionada por Dom Pedro I a Lei Educacional Brasileira, a qual determinava currículos diferentes para meninas e meninos. Enquanto os meninos podiam aprender adição, subtração, multiplicação, divisão, números decimais, frações, proporções e geometria, as meninas não podiam passar das quatro operações básicas e aulas de prendas domésticas com corte e costura, além de bordado.

Essa divergência do currículo para homens e mulheres também estava presente no Instituto Nacional de Surdos - INES de acordo com informações no site do INES <sup>1</sup>“os alunos frequentavam, de acordo com suas aptidões, oficinas de sapataria, alfaiataria, gráfica, marcenaria e artes plásticas. As oficinas de bordado eram oferecidas às meninas que frequentavam a instituição em regime de externato” (INES, 2022).

O feminismo por longo tempo, esteve prisioneiro de uma visão universal das mulheres, em consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no contexto feminino, ao falar do movimento feminista no Brasil não podemos esquecer que a luta do movimento no país possui demandas específicas, como o dos grupos das mulheres negras, e essas especificidades não podem ser invisibilizadas dentro do movimento.

As desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, e principalmente entre as mulheres negras no Brasil, faz com que essas assegurem dentro do movimento negro e dentro do movimento feminista de mulheres negras, discussões que visibilize pautas específicas como, o mercado de trabalho que as direcionam para empregos com menos rendimento e menos reconhecimento, a forma específica de violência que limita os encontros afetivos, a inibição da sexualidade pelo peso dos estigmas. Pautas essas que emergem da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil

(CARNEIRO, 2019).

Ao analisarmos as conquistas femininas através dos séculos que vai desde a reivindicação pela igualdade de remuneração até o estabelecimento da garantia dos direitos fundamentais básicos, fizeram-se necessárias diversas mudanças em todos os sentidos, tanto sociais, raciais quanto jurídicas para que o direito brasileiro configure-se alterações que vão desde a primeira Constituição Brasileira (1824) até sendo assim, é importante frisar que tais direitos foram assegurados pelo ordenamento jurídico brasileiro no decorrer dos anos, embora grandes conquistas tenham se dado graças às lutas feministas que foram incansáveis, como também a Lei no 11.340, de 07 de agosto de 2006, que completou 15 anos a Lei Maria da Penha que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, e a Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015, que prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio e inclui o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

Nesse mesmo ano, junho de 2015, aconteceu no Brasil discussões para inclusão das abordagens de gênero e identidade de gênero nos Planos de Educação. Vereadores, deputados estaduais e deputados federais se posicionaram contrários a inclusão da abordagem, pois tal bancada enfatiza a ideia de “vagina - mulher - feminilidade - maternidade - família & pênis - homem - masculinidade - paternidade - família” (BENTO, 2017, p. 172).

Bento ainda aponta: "O que mudou entre a votação de março e a discussão e votação dos Planos de Educação (Municipal, Estadual e Federal) em junho?". Sim, há um grupo majoritário que acredita que as mulheres são obra exclusiva de hormônios, cromossomos e genitálias, essa definição carrega a ideia de que essas estruturas biológicas são responsáveis em definir nossas identidades e assim, “os homens continuarão matando as mulheres”. As mulheres continuarão a ser estupradas. As mulheres trans (travestis, transexuais) continuam excluídas da categoria de humanidade e seguirão sendo diariamente crucificadas” (BENTO, 2017, p.173).

No dia 28 de julho de 2021 foi sancionada a lei que inclui no Código Penal brasileiro o crime de violência psicológica contra a mulher. Pode-se incluí-la no rolde conquistas mesmo que a Lei flexione questões como o da reclusão (sendo apenas de 6 meses) e o pagamento de multa para quem cometer o crime. Tais conquistas não são exclusivas às mulheres, pois tratam de direitos individuais e fundamentais de todos cidadãos brasileiros.

### **3. As abordagens das lutas feministas nos livros didáticos de História.**

Os livros didáticos são um componente transmissor de conhecimentos, apresentam estruturas históricas, memórias e aspectos culturais que direcionam o processo de ensino e aprendizagem. O conhecimento difundido através dos livros didáticos é resultante de um processo de formulação

política da educação. No Brasil avaliação, compra e distribuição dos livros didáticos para Educação Básica é realizado através do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD. De acordo com o histórico apresentado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, o PNLD, é um dos mais antigos programas de distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937. Ao longo desses 85 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil.

No Ensino Fundamental Anos Iniciais, os conteúdos devem buscar a sistematização das informações, o desenvolvimento dos alunos, proporcionar novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de leitura, formulação de hipóteses e elaboração de conclusões. Busca-se dos alunos uma atitude ativa na construção dos conhecimentos, pois, é nessa fase da infância que o aluno vivencia mudanças significativas em seu processo de desenvolvimento consigo mesmo, com os outros e com o mundo. (BNCC, 2018, p.58)

Desse modo, as construções dos conhecimentos envolvem as representações, conforme a BNCC, pois a representação faz parte de um processo onde histórias e memórias são compartilhadas para que possamos compreender as mudanças de forma significativa. Considerando-se a importância das construções dos conhecimentos na educação e no processo de ensino e aprendizagem, elegemos como objeto de estudo, as pautas de luta dos movimentos feministas a partir da análise em livros didáticos de História do Ensino Fundamental Anos Iniciais, de imagens e conteúdos vinculados a essa temática, pois exercem grande influência sob os modos que pautas dos movimentos feministas são difundidos no contexto escolar.

Para realização dessa pesquisa foi adotada uma abordagem qualitativa do tipo descritiva que refere-se a um tipo de investigação em que o pesquisador registra e descreve os fatos observados, com enfoque na pesquisa documental e bibliográfica (CORDEIRO; MOLINA; DIAS, 2014), uma vez que utilizamos como instrumento de coleta e análise dos dados nos livros didáticos.

Sendo assim, para análise desta pesquisa, primeiro, selecionamos dois livros didáticos do componente curricular História 1º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais aprovados no PNLD de 2019. A escolha desses dois livros justifica-se por alguns motivos, dentre eles a maior disponibilidade na plataforma do site em comparação a outras editoras, as quais não disponibilizam.

O primeiro livro *Ligamundo* da editora Saraiva, autores Alexandre Alves e Letícia Fagundes Oliveira, e o segundo livro analisado *Ápis* da editora Ática, autoras Anna Maria Charlier e Maria Helena Simielli.

Posteriormente, identificou-se como as editoras destes dois materiais didáticos. A editora Saraiva coloca que o livro *Ligamundo* busca desafios tanto para educadores quanto para educandos, a partir das mudanças com o surgimento das novas tecnologias, da informação e da comunicação levando em consideração a globalização econômica e cultural. A editora Ática expõe que o livro *Ápis* se destaca por oferecer um trabalho que foca na realidade do aluno e que favorece a contextualização espacial dos processos históricos e, sobretudo, fazer a relação presente e passado, permitindo que o aluno aperfeiçoe a sua percepção e a dos grupos sociais em que está inserido.

<b>BNCC – HABILIDADES</b>	
<b>UNIDADE TEMÁTICA</b>	Mundo pessoal: meu lugar no mundo.
(EF01HI01) Identificar aspectos do seu crescimento por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e /ou de sua comunidade.	
(EF01HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.	
(EF01HI06) Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.	
(EF01HI03) Descrever e distinguir os seus papéis e responsabilidades relacionadas à família, à escola e à comunidade.	
(EF01HI07) Identificar mudanças e permanências nas formas de organização familiar.	
<b>UNIDADE TEMÁTICA</b>	Mundo pessoal: eu meu grupo social e meu tempo Respeito à diversidade.
(EF01HI03) Descrever e distinguir os seus papéis e responsabilidades relacionadas à família, à escola e à comunidade.	
(EF01HI04) Identificar as diferenças entre os variados ambientes em que vive (doméstico, escolar e da comunidade) reconhecendo as especificidades dos hábitos e das regras que os regem.	
(EF01HI06) Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.	
(EF01HI01/SMJ) Conhecer a história da escola e identificar papel desempenhado por diferentes sujeitos que fazem parte da mesma.	
(EF01HI02/SMJ) Identificar/conhecer-se como membro de um grupo social, sua responsabilidade o qual faz parte/pertencente a comunidade escolar.	
<b>UNIDADE TEMÁTICA</b>	Mundo pessoal: eu meu grupo social e meu tempo
(EF01HI05) Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares.	
(EF01HI08) Reconhecer o significado das comemorações e festas escolares, diferenciando-as das datas festivas comemoradas no âmbito familiar ou da comunidade.	

Na sequência, foram analisados conteúdos, verificando a forma de abordagem e aspectos relevantes para exposição dos conteúdos. Para isso, foram selecionados os conteúdos “Família” e “Escola”. No conteúdo Família, pode-se perceber que na abordagem inicial no livro Ápis são exploradas imagens (figura 1) e os alunos têm a oportunidade de descrever sua experiência.

Figura 1: Apresentação do conteúdo do livro Ápis da editora Ática.

**CAPÍTULO**  
**2** **A FAMÍLIA E A ESCOLA**

A FAMÍLIA E A ESCOLA SÃO MUITO IMPORTANTES PARA UMA CRIANÇA. GERALMENTE UMA CRIANÇA VIVE COM SUA FAMÍLIA E PASSA ALGUMAS HORAS NA ESCOLA.

LEIA O POEMA COM SEU PROFESSOR:

**CHEGARAM AS FÉRIAS**  
 CHEGARAM AS FÉRIAS  
 QUE BOM QUE VAI SER!  
 EU VOU PASSEAR, PULAR E CORRER!  
 EU VOU DORMIR TARDE,  
 VOU BRINCAR LÁ FORA...  
 VER TELEVISÃO ATÉ FORA DE HORA.  
 VOU LER O QUE EU QUERO,  
 DE NOITE E DE DIA...  
 BRINCAR COM O CACHORRO,  
 OU FAZER FOLIA!  
 COM TODOS AMIGOS  
 VOU FICAR DE BEM,  
 SÓ VOLTO PRA ESCOLA  
 NO ANO QUE VEM!

RUTH ROCHA; HÉLIO ZISKIND. CHEGARAM AS FÉRIAS. INTÉRPRETE: FORTUNA. IN: NA CASA DA RUTH. SÃO PAULO: SESC, 2009. 1 DVD. FAIXA 2.



**PARA INICIAR**

- 1 COM QUEM VOCÊ PASSA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO?  
*Resposta pessoal.*
- 2 VOCÊ FAZ ALGUM PROGRAMA ESPECIAL COM SUA FAMÍLIA NAS FÉRIAS ESCOLARES? *Resposta pessoal.*
- 3 DO QUE VOCÊ GOSTA MAIS: DE IR À ESCOLA OU DE FICAR COM SUA FAMÍLIA? *Resposta pessoal.*

22 UNIDADE 1

Enfatizamos que essa estratégia favorece a socialização e estimula a atitude de respeito pela opinião do outro. Assim, analisaremos uma figura intitulada “As famílias são diferentes” e no livro ligamundo da editora Saraiva, a figura intitulada “Histórias de famílias”.

O livro Ápis apresenta no tópico “As famílias são diferentes”, o qual contém imagens que abordam a diversidade e as formas de organização familiar ( figura 2). No entanto, o termo família não foi conceituado, não houve uma iniciativa para elucidar esse

termo, bem como, a sua organização na sociedade. As famílias no processo histórico estão se transformando ao longo dos tempos, no que diz respeito a sua organização na sociedade, e também, assumindo novos papéis e diferentes representações, as autoras Perucchi e Beirão (2007) colocam que nas sociedades ocidentais a configuração familiar apresentada é a organização sociocultural que foi tradicionalmente pautada em um modelo patriarcal e tradicional, onde o pai desempenha o papel social de provedor do sustento da família e ocupa o lugar socialmente legitimado de autoridade sobre a mulher e os filhos.

Hoje a partir de uma realidade construída pelas mudanças históricas das lutas da emancipação das mulheres, podemos observar não só o modelo familiar patriarcal, mas experiências sociais que marcam as diversidades dos arranjos familiares. Novas concepções de papéis sociais e pautas (re)configurações da família moderna, adaptando-se às transformações, as novas famílias criam espaços para que diferentes formas de relações sejam estabelecidas (Perucchi e Beirão, 2007). Por isso, seria relevante discutir essa temática no livro didático em questão, já que ele traz a proposta de evidenciar a diversidade das famílias.

**Figura 2:** “As famílias são diferentes” a diversidade e as formas de organização familiar.

**▶ AS FAMÍLIAS SÃO DIFERENTES**

UMA CRIANÇA PRECISA DA FAMÍLIA OU DE OUTRAS PESSOAS ADULTAS QUE A AMEM E CUIDEM DELA PARA QUE POSSA CRESCER DE MANEIRA SAUDÁVEL. A ESCOLA AJUDA A FAMÍLIA NESSA TAREFA.

A FAMÍLIA GERALMENTE É O MAIS IMPORTANTE GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE UMA CRIANÇA. VEJA ALGUMAS FAMÍLIAS A SEGUIR.



▶ FAMÍLIA TOMA CAFÉ DA MANHÃ EM SÃO PAULO, NO ESTADO DE SÃO PAULO, EM 2016.



▶ FAMÍLIA INDÍGENA DA ALDEIA IKPENG, LOCALIZADA EM FELIZ NATAL, NO ESTADO DE MATO GROSSO, EM 2016.



▶ FAMÍLIA OBSERVA ÁLBUM DE FOTOS EM SÃO PAULO, NO ESTADO DE SÃO PAULO, EM 2016.



▶ CASAL COM FILHA RECÊM-NASCIDA EM SÃO PAULO, NO ESTADO DE SÃO PAULO, EM 2013.

Como foi possível observar na imagem citada, os autores trouxeram um pequeno texto intitulado “As famílias são diferentes”, antes das figuras, representando a diversidade das famílias, no qual é dito que existem vários tipos de famílias, quebrando, dessa forma, o conceito estabelecido de que a família é composta apenas por pai (homem) e mãe (mulher) e os filhos, no entanto esse conceito vem sofrendo modificações ao longo da história e alguns livros didáticos estão refletindo essas mudanças, como o livro analisado nesta pesquisa. Assim é possível notar três tipos de famílias: tradicional, moderna e contemporânea.

Apesar do livro didático em questão, abordar na figura 2, os diferentes arranjos familiares, no entanto, é possível observar que ao representar as diversidades das famílias, usou-se o termo família ao se referir, apenas, aos grupos familiares, nos quais têm a presença de homens como é demonstrado na imagem (Figura 2). Na imagem com duas mulheres não é utilizado o termo família, é referenciado como casal.

No entanto, o livro traz, por meio das figuras, a diversidade das famílias, nas quais há família composta por duas mulheres e um filho, por avós ou tios, por dois homens e filhos, “quebrando” o conceito tradicional de família homem, mulher e filhos. Assim, esse livro rompe com o modelo único de família heterossexual, abrindo novas possibilidades para a diversidade das famílias brasileiras, como por exemplo, a família monoparental, homoparental, dentre outras que são vistas na sociedade, e às vezes não contempladas nos diversos meios sociais.

A estrutura familiar heterossexual que é referente de uma organização, enfatizar o afeto é diferente de enfatizar o patrimônio para o Estado, pois assegurar ao (à) parceiro(a) o patrimônio o Estado se favorece, a exemplo da declaração do imposto de renda, o que na verdade são assegurados pelo Estado são os direitos econômicos aos casais gays e lésbicos. (BENTO, 2017, p.103).

Dessa forma, essa questão nos faz entender que a família ainda está entranhada ao conceito de sexualidade, de uma concepção cristã, daquilo que a sociedade já regulamentou como padrão estabelecido para o conceito de família. Nesse sentido, Foucault (2019, p. 124) diz que são “estratégias que passam todas por uma família que precisa ser encarada não como poder de interdição e sim, como fator capital de sexualização”.

No livro *ligamundo* da editora Saraiva, analisamos uma página intitulada “Histórias das famílias”, na qual contém quatro imagens que evidenciam os diferentes tipos de famílias. No pequeno texto que antecede as imagens, há uma preocupação por parte dos autores de frisar que não existe um único modelo de família, que “vivendo juntos ou separados, o que importa é ter afeto e cuidado uns com os outros”. Esse conteúdo repassado nas séries iniciais é de grande importância para

o rompimento de preconceitos.

**Figura 3:** Organizações familiares. Livro Ligamundo editora Saraiva

## HISTÓRIAS DE FAMÍLIA

TODAS AS PESSOAS TÊM UMA HISTÓRIA. AS HISTÓRIAS DAS PESSOAS COM QUEM CONVIVEMOS, COMO PAIS, IRMÃOS, AVÓS, TIOS E PRIMOS, QUANDO REUNIDAS, CONTAM A HISTÓRIA DA FAMÍLIA.

EXISTEM DIFERENTES TIPOS DE FAMÍLIA: FAMÍLIAS COM PAI, MÃE E FILHOS; FAMÍLIAS COM MÃE, AVÓ OU AVÔ E NETOS; FAMÍLIAS COM DUAS MÃES OU DOIS PAIS; FAMÍLIAS BEM GRANDES, COM PAI, MÃE, FILHOS, TIOS E TIAS, TODOS JUNTOS; FAMÍLIAS EM QUE ALGUMAS PESSOAS VIVEM SEPARADAS; ENTRE OUTRAS. NA FAMÍLIA, VIVENDO JUNTOS OU SEPARADOS, O QUE IMPORTA É TER AFETO E CUIDADO UNS COM OS OUTROS.

LEIA

A EXCÊNTRICA FAMÍLIA SILVA



FAMÍLIA TOMANDO CAFÉ EM SÃO PAULO, ESTADO DE SÃO PAULO. FOTO DE 2016.



FAMÍLIA VENDO ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS EM SÃO PAULO, ESTADO DE SÃO PAULO. FOTO DE 2016.



FAMÍLIA EM SÃO CAETANO DO SUL, ESTADO DE SÃO PAULO. FOTO DE 2017.



FAMÍLIA NA ALDEIA IKPENG ARAJÓ, EM FELIZ NATAL, ESTADO DE MATO GROSSO. FOTO DE 2016.

1

SUA FAMÍLIA SE PARECE COM ALGUMA DAS FAMÍLIAS REPRESENTADAS NAS FOTOGRAFIAS? EM UMA FOLHA À PARTE, FAÇA UM DESENHO COLORIDO RETRATANDO VOCÊ JUNTO DE SUA FAMÍLIA. Resposta pessoal.

14

Diferentemente das imagens dispostas no livro *Ápis*, analisado anteriormente, o qual não intitula a imagem de duas mulheres com um filho de família, apenas as outras configurações, no livro em questão, todos os modelos são referenciados por família. Nesse sentido Zambrano (2006) pontua que: esse modelo de família torna-o incontestável e leva ao pensamento, comum na nossa cultura, de que uma criança pode ter apenas um pai e uma mãe, juntando na mesma pessoa o fato biológico da procriação, o parentesco, a filiação e os cuidados de criação. Isso acontece porque, ao percebermos

‘pai’ e ‘mãe’ apenas como aqueles que dão a vida à criança, concebemos essa relação como tão “natural” que nem pensamos possa ser ela submetida à lei social (ZAMBRANO, 2006, p. 126).

Dessa forma, o livro didático está buscando ao abordar essa temática, visibilidade para os outros modelos de família que são mais vulneráveis socialmente ou que vivem à margem da exclusão social, por sua configuração familiar. Ao evidenciar a imagem com duas mulheres e os filhos, chamando-os de família, é demonstrado que o fator biológico não é determinante para a intitulação de família, mas sim o respeito, o amor e o convívio. Por isso, é de suma importância desconstruir os valores arraigados na sociedade de um único modelo de família que perpasse gerações.

A escola é um espaço para essa desconstrução, principalmente nas séries iniciais, conforme reitera Desidério (2013, p. 947) ao afirmar que “faz-se necessária a abordagem da Educação Sexual nas escolas, pois nela pode-se compreender que os fenômenos socioculturais atingem a sociedade e, mesmo existindo casos específicos e individuais, as discussões sobre sexualidade devem extrapolar o âmbito pessoal”.

A página que aborda essa temática termina com uma atividade, na qual há duas perguntas para o aluno responder. Tendo em vista que existem vários modelos de família, talvez a criança não se sinta representada pelas quatro imagens, mas sim, por outro modelo, nesse sentido é pedido na atividade que a mesma faça um desenho da sua própria família. Diante disso, mesmo com esses pequenos avanços, mais significativos, ainda precisamos avançar muito na educação para que haja menos preconceito na sociedade em torno das famílias que fogem do padrão estabelecido pela própria sociedade imbuído de discursos morais, religiosos, dentre outros que estão entrelaçados na educação escolar, infelizmente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escolha de abordar na pesquisa deste trabalho monográfico sobre as lutas feministas e suas pautas nos movimentos de luta, traçamos um percurso histórico de resistência, de contribuição de visibilidade histórica no campo educacional e do cotidiano escolar das lutas das mulheres por igualdade de direitos, como também a capacidade do reconhecimento dos discursos levantados pelo movimento feminista das mulheres negras no Brasil e sua importância na luta anti-racista.

Discorreremos sobre o papel do livro didático para atenuar e “quebrar” preconceitos que ainda persistem no meio educacional e social. Para tanto, analisamos dois livros didáticos mostrando as diferentes formas de abordagem quando a temática é a família.

Diante disso, sabe-se que não existe um modelo padrão de família como a sociedade impõe por meio das mídias, comerciais, revistas, dentre outros. No entanto, ainda podemos perceber que esse modelo imbuído de preconceito está enraizado na sociedade, como foi discutido nesta pesquisa é necessário começar pela educação, lutar por uma educação menos excludente.

Além disso, os livros didáticos são grandes ferramentas para esse processo de desconstrução, por isso, este estudo evidenciou também a necessidade dos educadores de buscar, além dos livros didáticos, outras formas de abordar o assunto família dentro da sala de aula, mesmo que o livro não traga essa discussão. Muito tem sido feito, no que diz respeito às abordagens do livro didático, no entanto, precisamos avançar muito mais, e esta pesquisa é uma significativa iniciativa a qual contribui também para esse avanço na educação para quebramos conceitos que geram violência e exclusão, que as às vezes começam na escola e se espalham pelos diversos meios sociais.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Leticia Fagundes de. **Ligamundo História : 1º anoanos iniciais**: São Paulo: Saraiva, 2017. Disponível em: <  
<https://educacaobasica.editorasaraiva.com.br/pnld/edital/pnld-2019/obra/2489253/>>. Acesso em: 14.jul.2021.

BENTO, Berenice. **Traviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos** EDUFBA: Salvador, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <  
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-fundamental-anos-iniciais/>> Acesso em: 13.jan.2022.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DINIZ, Antony Henrique Tomaz. **Mulheres ilhadas: representações do feminismo entre jovens mulheres universitárias em Belo Horizonte**. Primeiros Estudos: São Paulo: 2012, n. 2, p. 98-118.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Histórico do Programa Nacional do Livro Didático. Disponível em: <  
<http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-hist%C3%B3rico>>. Acesso em: 13, jan. 2022.

GOBBI, Marcia Aparecida. FARIA, Ana Lúcia Goulart. FINCO, Daniela. **Creche e feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas - FCC, 2015.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 13ª. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

INES, Mec. Conheça o INES. <https://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>. Acesso em: 09/05/2022.

ONU Mulheres destaca o legado da feminista Rose Marie Muraro. ONU Mulheres Brasil, 2014. Disponível em: <  
<https://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-destaca-o-legado-da-feminista-rose-marie-muraro/>>. Acesso em: 12, jan.2022.

PERUCCHI, Juliana; BEIRÃ, Aline Maiochi. **Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família**. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/j/pc/a/6B5Y5GQWcBj9dKV4bmhYrmD/?lang=pt>>. Acesso em: 20, mai.2022.

ROCHA, Helenice. O livro didático de História em Análise: a força da da tradição de transformações possíveis. In: ROCHA, Helenice; REZNIK, Luiz; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

SIMIELLI, Maria Helena; CHARLIER, Anna Maria. **Ápis História 1º ano: ensino fundamental anos iniciais**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2017. Disponível em: <  
<https://www.edocente.com.br/pnld/2019/obra/apis-historia-1-ano-atica/>>. Acesso em:23.ago.